



Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Recife / PE
Superintendência das Escolas Bíblicas Dominicais
Pastor Presidente: Aílton José Alves

Av. Cruz Cabugá, 29 – Santo Amaro – CEP. 50040 – 000 Fone: 3084 1524

LIÇÃO 5 – O DEUS FILHO
1º TRIMESTRE 2026 (Lc 1.31,32,34,35; Mt 17.1-8)

INTRODUÇÃO

Nesta lição estudaremos sobre o Deus Filho, para isto veremos as provas bíblicas que demonstram a sua divindade, analisaremos três importantes atributos incomunicáveis de Deus presente em Cristo; focaremos na *kenosis*, ou seja, no auto esvaziamento e por fim pontuaremos a dupla natureza do filho do Deus filho.

I - QUEM É O DEUS FILHO?

O Filho de Deus não deve ser entendido como uma criação de Deus ou uma mera representação d'Ele. Pelo contrário, o Filho é, de fato, Deus. Esse princípio é confirmado nas Escrituras, conforme destacado em Romanos 9.5 e Hebreus 1.8, onde a natureza divina de Cristo é afirmada sem margem para dúvidas. As Sagradas Escrituras fornecem provas incontestáveis acerca da divindade de Jesus Cristo. Notemos:

1.1 Jesus é chamado “Deus”. Ele foi chamado de Emanuel, que significa: *“Deus conosco”* (Mt 1.23). Pedro testificou: *“Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”* (Mt 16.16), e chamou-O de *“o Santo”* (At 3.14) e de *“nosso Deus e salvador Jesus Cristo”* (2Pe 1.1). Paulo disse que Jesus era o *“próprio Filho de Deus”* (Rm 8.32) e falou da glória do *“grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo”* (Tt 2.13). João escreveu que Jesus era o *“Verbo”* eterno (Jo 1.1), o *“Unigênito do Pai”* (Jo 1.14) e verdadeiro *“Deus”* (1Jo 5.20).

1.2 Jesus mesmo disse que era Deus. Ele mesmo disse: *“Quem me vê a mim vê o Pai [...]”* (Jo 14.9). Quando Ele foi tentado, disse a Satanás: *“Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás”* (Mt 4.10). No entanto, Ele recebeu adoração (Mt 28.9-17; 14.33; 15.25; Lc 24.52). Seria uma blasfêmia aceitar adoração, se Ele não fosse verdadeiramente Deus.

1.4 Suas obras provam a sua deidade. Jesus é descrito nas Escrituras como criador de todas as coisas (Jo 1.3; Cl 1.16; 1Co 8.6; Hb 1.2,10), e por Ele, todas as coisas subsistem (At 17.28; Cl 1.17). Ele mesmo é a ressurreição e a vida (Jo 11.25; 5.25); também perdoou e perdoa pecados (Mt 9.5; Lc 5.20; 7.47-50). O apóstolo João diz que aquele que nega a deidade de Cristo e rejeita Seu testemunho, demonstra que é inspirado pelo espírito do anticristo (1Jo 2.22,23).

II – O DEUS FILHO E SEUS ATRIBUTOS INCOMUNICÁVEIS

Deus possui atributos que se dividem em dois grupos: *comunicáveis* e *incomunicáveis*. Os atributos incomunicáveis, como o próprio termo sugere, não são partilhados com nenhuma de suas criaturas. Contudo, Jesus manifesta todos os atributos divinos, evidenciando sua unidade com o Pai. Observemos:

2.1 Onipotente. Após a ressurreição, Jesus apresentou-se aos discípulos e disse: *“É-me dado todo o poder no céu e na terra.”* Observe que no antigo testamento, este atributo é revelado em Deus: *“Uma vez falou Deus, duas vezes ouvi isto: que o poder pertence a Deus”*. (Sl 62.11). A Bíblia apresenta outros textos nos quais é demonstrado que Jesus tem todo o poder (Mt 28.18; Lc 4.35,36,41). O apóstolo João registrou uma declaração de Jesus que revela de forma inequívoca a onipotência de Cristo: *“Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso”* (Ap 1.8).

2.2 Onisciente. Jesus conhece todas as coisas, inclusive nossos pensamentos (Jo 21.17). No contexto da cura do paralítico em Cafarnaum, Jesus conhecendo os pensamentos de desaprovação dos escribas, disse: *“por que pensais mal em vossos corações?”* (Mt 9.4). Significa que Ele sabe o que está no coração e na mente das pessoas (Jo 2.25; Ap 1.8) (Baptista, 2025, p. 58).

2.3 Onipresente. Jesus garantiu aos seus discípulos: *“[...] onde estiverem dois ou três reunido no meu nome, aí estou no meio de vós”* (Mt 18.20). Essa declaração de Cristo relava o atributo da onipresença, algo pertencente somente a Deus. *“Os olhos do Senhor estão em toda parte, observando atentamente tanto os bons quanto os maus”*. (Pv 15.3). Após a ressurreição, Jesus afirmou de forma categórica que esta característica é intrínseca à sua natureza: *“[...] estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos”* (Mt 28.20).

III - O DEUS FILHO E O “AUTO-ESVAZIAMENTO” OU KENOSIS

O vocábulo “kenosis”, é oriundo do verbo grego, *“kenoun”*, que significa “esvaziar”. Talvez ele tenha relação com expressões do AT na Septuaginta (*Tradução do Antigo Testamento para o grego*), que descreve o ato de “derramar” (Gn 24.20), “esvaziar” (Is 53.12). A expressão *“ekenôsen”* não tem a intenção de falar do sentido metafísico, isto é, que Cristo tenha se despojado de seus atributos divinos, mas é uma expressão da totalidade de sua autorenúncia. Ele não quis usar de todos os seus direitos pessoais e seus interesses a fim de assegurar o bem-estar dos outros (Moody, sd, p. 15). Abaixo destacaremos duas interpretações da kenosis para melhor nosso entendimento:

3.1 A maneira errada desta doutrina. A kenosis ou Teoria Kenótica ou ainda Teologia Kenótica surgiu quando vários teólogos interpretaram Filipenses 2.5-7 erroneamente ensinando que Jesus deixou de ser Deus no seu auto esvaziamento.

Essa opinião da doutrina da kenosis postula que Jesus se **“esvaziou da forma de Deus”**, retendo apenas os atributos éticos de sua divindade como amor, misericórdia, paz etc, e renunciou aos atributos infinitos como onipotência, onipresença, onisciência assumindo qualidades humanas.

3.2 A maneira correta desta doutrina. Concordamos com a ideia do **“auto esvaziamento de Cristo”**, mas não com a noção de que ele deixou de ser divino, como alguns teólogos afirmam. **A kenosis foi mais uma aquisição de atributos humanos do que uma desistência dos atributos divinos.** O Logos se tornou carne e, enquanto nesta forma, assumiu uma subordinação temporária. Em outras palavras, sendo o Deus encarnado, ele livremente deixou de usar seus atributos (não deixou de tê-los) especialmente os atributos incomunicáveis, como onipresença ou onipotência, embora estes atributos ainda fizessem parte de sua natureza divina. [...] ao retornar ao trono celestial, ele assumiu novamente a plena igualdade, em todos os sentidos, com o Pai (Ferreira, 2010, pp. 529,530).

IV – O DEUS FILHO E A UNIÃO DAS DUAS NATUREZAS

A afirmação correta da plena divindade de Cristo, bem como de sua plena humanidade, tem implicações soteriológicas fundamentais. Cristo é plenamente Deus e plenamente homem. A doutrina da união **“hipostática”** é definida pela existência de Cristo em duas naturezas, divina e humana, **que não se fundem nem se alteram**; por outro lado, **não se separam e nem se dividem**, compondo e estabelecendo uma só pessoa e uma só “subsistência” eternamente (Grudem, 1999, p. 454). Em suma, isso quer dizer que **Cristo é plenamente divino e totalmente humano** para todo o sempre, visto que Cristo, mesmo agora, na eternidade, possui um corpo humano (At 1.11; Ap 5.6). “[...] embora distintas, cada Pessoa da Trindade partilha a essência divina numa união perfeita e indivisível” (Barreto, 2025, p. 107). Vejamos:

4.1 A concepção virginal ressalta a união hipostática. Jesus é plenamente Deus e plenamente homem, sem confusão de naturezas. Por sua geração única, Ele é o Filho “Unigênito” do Pai (Jo 1.14,18; 3.16,18). A expressão unigênito **“monogenes”** é composta por dois vocábulos: **“monos”** [único, sozinho]; e **“genos”** [tipo, espécie, classe]. A junção desses termos significa **“único em sua espécie”; “sem igual”; “singular” ou “exclusivo”**. Desse modo, Jesus é único do seu tipo, o Filho singular em sua espécie, não criado, mas eterno, de natureza divina e com uma relação exclusiva com o Deus Pai (Baptista, 2025, p. 55, *grifo nosso*)

4.2 Jesus é plenamente Deus. Há abundante relato bíblico afirmando a divindade de Cristo. Jesus é apresentado na Escritura como sendo preexistente (Jo 1.3; 1Co 15.47), qualidade logicamente restrita à Deidade. O Senhor também manifestou, mesmo em sua primeira vinda, todos os atributos chamados incomunicáveis, logicamente pertencentes somente a Deus (Jo 5.17; Jo 17.5; Hb 13.8; Mt 18.20; Jo 2.23;). Do fato de Cristo ter, ele mesmo, perdoado pecados (Mt 9.2), aceitado adoração (Jo 13.13), exercido poder sobre demônios e realizado milagres e sinais (Jo 5.21), além de ter declarado explicitamente sua divindade (Jo 10.30), depreende-se também a realidade de sua natureza divina.

4.3 Jesus é plenamente homem. Tal como a Escritura declara nitidamente a divindade de Cristo, aponta também sua plena humanidade. Esta humanidade pode ser vista no fato de que Cristo chamava a si mesmo por nomes que designam humanidade (Lc 19.10), e foi assim chamado por seus apóstolos (1Tm 2.5). Como homem, Cristo esteve sujeito às limitações condizentes ao ser humano: sentiu fome, sede, se cansou, chorou etc. (Mt 4.2; Jo 19.28; 4.6; 11.35). Cristo também possuía e possui uma natureza humana completa, isto é, ele não tinha (ou tem) apenas um corpo humano (Lc 2.52), mas também alma e espírito humanos (Mt 26.38; Lc 23.46). Em suma, Cristo, desde sua encarnação, é um ser humano completo. Em Cristo, Deus se fez homem e, novamente, se assim não fosse, não poderia redimir a humanidade. Quem recebeu a promessa de morte não foi o corpo de um ser humano, mas um homem completo, com sua constituição material e imaterial. Logo, somente alguém que possuísse uma natureza humana completa poderia sofrer a penalidade estipulada (Morris, 2007, p. 83).

4.4 A união hipostática e suas implicações soteriológicas e mediadoras. A união das duas naturezas em Cristo não é apenas uma formulação dogmática abstrata, mas possui implicações diretas e essenciais para a obra da salvação. Sendo plenamente Deus, Cristo possui valor infinito para satisfazer plenamente a justiça divina; sendo plenamente homem, pode representar legitimamente a humanidade diante de Deus. É nessa condição singular que Ele se apresenta como o único **“Mediador entre Deus e os homens”** (1Tm 2.5). A natureza divina garante a eficácia eterna de sua obra redentora, enquanto a natureza humana assegura a identificação real com aqueles que Ele veio salvar (Hb 2.14-17). Assim, a união hipostática fundamenta tanto a possibilidade quanto a suficiência da expiação, pois somente alguém que fosse **simultaneamente Deus e homem** poderia reconciliar plenamente a humanidade caída com o Deus santo.

CONCLUSÃO

Nesta lição, foi abordado que o Filho de Deus possui atributos divinos equivalentes aos do Pai. Também foram discutidas duas doutrinas relevantes acerca da pessoa de Cristo: a doutrina do autoesvaziamento e a doutrina das duas naturezas, bem como suas implicações para a ortodoxia cristã.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Claudionor Correia de. **Dicionário Teológico**. CPAD.
- BAPTISTA, Douglas. **A Santíssima Trindade: O Deus Único Revelado em Três Pessoas Eternas**. CPAD.
- BARRETO, Alessandro. **A Adoração ao Espírito Santo: Uma Abordagem Bíblica, Histórica e Teológica no Contexto da Trindade**. BEREIA.
- SOARES, Esequias. **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. CPAD.
- THIESSEN, Henry Clarence. **Palestras em Teologia Sistemática**. IBR.